

# O MISTÉRIO DAS COMBINAÇÕES: A CRIAÇÃO LEXICAL EM ARIANO SUASSUNA

---

*The Mystery of Combinations: Lexical Creation in Ariano Suassuna*

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-18

Elvis Borges Machado\*  
Maria José Guerra de Figueiredo Garcia\*\*

---

**RESUMO:** Apenas recentemente o *Romance d'A Pedra do Reino* (2014), de Suassuna, passou a ser alvo de estudos morfológicos mais dedicados. Antes, o que se abordava era o hibridismo e o caráter multifacetado (romance-novela-folhetim-poema-epopeia). Logo, tendo em vista a importância de se dar uma atenção mais acurada ao estudo da formação de palavras na obra do escritor paraibano, este trabalho, partindo dos conceitos de Condição de produtividade e Regras de formação de palavras, pretendeu desenvolver uma análise morfológica dos neologismos encontrados no *Romance d'A Pedra do Reino*. Dada a dimensão da obra, limitar-nos-emos ao principal processo de formação de palavras em língua portuguesa: a derivação sufixal. Percebemos que as invenções lexicais de Suassuna não foram criadas de forma arbitrária. Ao contrário, ele aplicou aquilo que a Morfologia Gerativa chama Regras de Formação de Palavra e criou combinações inesperadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ariano Suassuna. Morfologia gerativa. Formação de palavras. Criação lexical. Derivação sufixal.

**ABSTRACT:** Only recently has *Romance d'A Pedra do Reino* (2014), by Suassuna, become the subject of more dedicated linguistic studies. Before that, what used to be addressed was its hybridity and multifaceted character. Bearing in mind the importance of heeding more accurate attention to the study of word formation in Suassuna's work and approaching the relationship between linguistics and literature, this article used the concepts of Productivity condition and Rules of word formation to develop a morphological analysis of the neologisms found in *Romance d'A Pedra do Reino*. Given the size of the work, this article is limited to a process of formation of new words in Portuguese named suffix derivation. The study showed that Suassuna's lexical inventions were not created from scratch and arbitrarily. Instead, he used what Generative Morphology calls Word Formation Rules and created unexpected combinations.

**KEYWORDS:** Ariano Suassuna. Generative Morphology. Word formation. Lexical creation. Suffixal derivation.

---

---

\*\* Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2022). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina (2023). Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2018). ORCID: 0000-0002-1016-459X. E-mail: profelvismachado(AT)gmail.com.

\*\* Doutora em Semiótica e Linguística Geral (2000) e Mestre em Linguística (1995), ambos pela Universidade de São Paulo. Tem experiência em cursos de Letras e de Comunicação Social, atuando principalmente nas seguintes áreas: semiótica, comunicação, teoria linguística, língua portuguesa, sociolinguística e línguas indígenas. ORCID: 0009-0008-2619-9560. E-mail: majogue(AT)uol.com.br.

## 1 Introdução

As palavras surgem de várias formas, seja numa conversa cotidiana ou na linguagem artificial, isto é, a linguagem que envolve artifícios, feita com arte, a exemplo da literatura. Às vezes, algumas palavras novas, por caírem no gosto da população, acabam sendo inseridas ao léxico de uma língua e passam a fazer parte de registros dicionarizados, enquanto outras se tornam arcaicas e desaparecem pouco a pouco da fala cotidiana, figurando apenas em dicionários. A língua, portanto, possui a capacidade de adaptação e inovação; a língua é viva e, enquanto for falada por uma comunidade, estará sempre em movimento, mudança. Prova disso é o fato de que as pessoas ao longo do tempo criam e recriam constantemente novas palavras que correspondem aos seus objetivos de comunicação.

Mais recentemente, por exemplo, na história política brasileira, o neologismo imbrochável ganhou notoriedade no jornalismo e na mídia por ser dito pelo ex-presidente da República, Jair Bolsonaro. Imbrochável é a derivação da palavra brocha, usada de acordo com a informalidade da norma popular: pessoa sexualmente impotente, com o prefixo im- (que atribui o sentido contrário à palavra, negação, oposição) e o sufixo -(á)vel (possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, cf. Cunha e Cintra (2013, p. 114)), referindo-se às pessoas que não brocham ou, em sentido amplo, às pessoas que não têm problemas sexuais. Vê-se que é uma composição que possivelmente figurará nos futuros dicionários, devido às repercussões tanto negativas quanto positivas que teve. Uma palavra criada ou modificada pode surgir de forma absolutamente espontânea, algumas vezes até inusitada. Pode ocorrer, também, no cotidiano como resultado da necessidade de descrever algo ainda não conhecido ou sentido. Portanto, o conhecimento internalizado de uma língua permite às pessoas articularem esse processo de formação de novos vocábulos sem ao menos perceber isso.

Esse processo de criação se dá de diversas formas, como apontou Kehdi (1992): justaposição, aglutinação, prefixação, sufixação, abreviação, importação de vocábulos existentes em uma outra língua ou ainda por meio de um novo sentido dado a uma palavra já existente. Ao longo da história, a literatura tem sido um grande laboratório para a criação lexical, sobretudo para ampliar os horizontes vocabulares de uma língua. No Brasil não foi diferente; entre os escritores brasileiros, um se destacou por seu elaborado trabalho sobre o léxico do português: Ariano Suassuna (1927-2014). A figura de Suassuna, professor

universitário, romancista, dramaturgo e poeta, sobressai-se na literatura brasileira. As obras do autor têm causado surpresa tanto aos leitores quanto aos críticos não só por acolher a cultura nordestina, aliando-a às mais diversas tradições e inspirações medievais e europeias, mas, também, por ser um artesão da palavra e, nesse sentido, pode ser comparado aos grandes inventores de nossa literatura, como Manoel de Barros, Mário de Andrade e Guimarães Rosa.

Mesmo dispondo de um léxico abundante ao qual o escritor pode recorrer, muitos criam palavras para alcançar a necessidade de expressar sua visão de mundo pessoal e original, como também para fugir daquilo que é comum, corriqueiro, das palavras que, habituadas pelo uso, perdem sua sutileza. Quem ainda nota que o advérbio cordialmente guarda em sua forma o radical latino *cordis* (coração)? Daí, para resgatar a percepção do vocábulo, Guimarães Rosa cria a palavra “coraçõemente” (1977, p. 138). De modo semelhante, Suassuna, para falar que o céu estava na cor cinza, não diz um céu acinzentado, mas um “céu chumboso” (2017, p. 69), talvez porque a cor do chumbo, em condições normais de temperatura, seja cinza. Assim, com o propósito de moldar a palavra para exprimir tonalidades não observadas da realidade e renovar a percepção do leitor, muitos escritores alteram a estrutura morfológica da palavra, trocam sufixos, traduzem radicais, mesclam vocábulos.

Como vimos, há uma estreita relação entre a linguística e a literatura que não pode ser desprezada por competentes linguistas ou críticos literários, pois todo texto literário é fruto de uma construção linguística. Por outro lado, o cenário da crítica literária no século XXI vem se distanciando daquele “belíssimo presente”, parafraseando Barthes (2004), que Jakobson havia dado aos estudos literários: a abertura para a Linguística. Jakobson evitou os “vereditos subjetivos” e “os gostos e opiniões próprios do crítico à literatura” (1991, p. 120-1) para aproximar a literatura da linguística. Assim diz o pensador russo: “como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética [análise literária] pode ser encarada como parte integrante da Linguística” (Jakobson, 1991, p. 119). É essencial, portanto, para compreender uma obra literária, investigar os fenômenos gramaticais que servem de alicerce para a construção de sentido: as funções sintáticas, morfológicas, semânticas, entre outras.

Assim, tendo em vista a importância dos estudos morfológicos para compreender a criação literária, o presente artigo tem por objetivo analisar as escolhas lexicais e neológicas da obra *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (2014) (doravante, *Romance d'A Pedra do Reino*), de Ariano Suassuna. Para alcançar esse objetivo, lançamos mão da Morfologia Gerativa, que é um ramo da linguística gerativa, desenvolvida inicialmente por Aronoff (1976) e abordada no Brasil por Basílio (1980), Rocha (1998), Travaglia (1979), Sandmann (1991, 1992), entre outros linguistas e pesquisadores que vêm ampliando o campo de análise.

## 2 A Morfologia Gerativa

Segundo Basílio (1995, 1980), linguista pioneira na abordagem gerativa da morfologia no Brasil, apenas a partir de uma abordagem da linguagem como competência humana seria possível discutir os padrões produtivos nas criações de palavras. Sugere a autora que uma abordagem ideal na formação de palavras deve ir além de uma lista de afixos e derivações para criar palavras; é necessário, sobretudo, conhecer o conjunto de regras que permitem criar essas novas palavras.

Em suma, qualquer modelo de competência lexical de um falante nativo deve incluir uma lista de itens lexicais como um sistema de regras que dê conta de sua capacidade de relacionar itens uns aos outros, analisar a estrutura interna desses itens e, naturalmente, formar novas palavras (Basílio, 1980, p. 9).

Para Basílio (1980), ter competência em uma língua é conhecer os seguintes pontos: a) conhecer uma lista de itens lexicais; b) compreender o sistema de regras; e c) saber relacionar itens uns aos outros. O que se entende por itens lexicais? Todo falante tem conhecimento não só de uma lista de palavras, mas também de formas linguísticas que não são palavras, como prefixos, sufixos etc. Por exemplo, -eiro; -dor, -mente não são vistos como palavras pelos falantes, mas sufixos que constroem novas palavras. Assim, o conhecimento que o falante tem desses itens lhe permite fazer várias generalizações: casa/caseiro; pescar/pescador (há aqui o uso de dois sufixos agentivos com base de substantivo e verbo, respectivamente), como também reconhecer a estrutura de palavras, intuitivamente, pois o falante sabe que caseiro provém de casa, pescador se origina a partir de pescar e assim por diante.

Seguindo esse raciocínio, se tomarmos apenas a lista de itens lexicais, poderíamos associar o sufixo -dor a qualquer verbo, por exemplo, criando o agente participador, a partir do verbo participar; porém, sabemos que participador não existe, pois já há outras palavras correspondentes: participante, competidor. Basílio (1980), logo, vai argumentar que não basta apenas conhecer os itens lexicais e saber relacioná-los, é preciso, sobretudo, saber das restrições ao uso dessas regras.

Fica claro que, para a Morfologia Gerativa, segundo Basílio, o falante-ouvinte é capaz de, intuitivamente, analisar essas estruturas. Daí diz Travaglia (1979, p. 99): “A gramática gerativa tem como patente o fato de que uma das habilidades linguísticas do falante-ouvinte é ter intuição sobre a categoria das palavras (independente do fato de lhes dar nomes)”. Vê-se, portanto, que não é qualquer verbo que poderá receber o sufixo -dor, e o falante intuitivamente sabe que, embora seja possível, não existe morredor, subidor, falidor, mas sim apanhador, falador etc. É preciso saber, portanto, que tipo de verbo receberá esse sufixo, e o estudo dessas regras morfológicas faz parte dos objetivos da Morfologia Gerativa.

Assim diz Basílio (1980, p. 42): “Dentro de uma abordagem gerativa, palavras são formadas por regras e/ou analisadas por regras, de modo que o estabelecimento de entidades como morfemas ou afixos, como elementos separados de regras e bases, constitui uma repetição desnecessária”. Com efeito, o que interessa para a perspectiva morfológica gerativa é a compreensão das regras do jogo, e não, simplesmente, saber o “número de peças” que há no jogo, embora, repita-se, Basílio não descarte a importância de saber uma lista de itens.

Nesse sentido, os esforços da Morfologia Gerativa se dão, sobretudo, na busca de caracterizar “as regras que podem formar palavras novas na língua” (Basílio, 1980, p. 20), chamadas de Regras de Formação de Palavras (RFP<sup>2</sup>) e suas condições de produção. Ademais, uma vez estabelecida uma RFP, a produtividade vem a ser a possibilidade que essa regra tenha de formar novas palavras no léxico da língua; ou seja, para a Morfologia Gerativa, a

<sup>2</sup> Basílio (1980) estabeleceu esse modelo de RFP a partir das “Word Formation Rules” (WFR), de Mark Aronoff, linguista canadense que escreveu um livro base para os estudos da Morfologia Gerativa, *Word Formation in Generative Grammar* (1976). Porém, pela natureza do nosso trabalho, de caráter introdutório, não achamos necessário abordar a obra de Aronoff e nem dar desdobramentos exaustivos sobre o tema. As obras de Basílio (1980), Travaglia (1979), Rocha (1998) e Sandmann (1991, 1992) já apresentam a teoria de forma satisfatória para os nossos objetivos. Vale destacar também que Basílio foi a pioneira nos estudos da Morfologia Gerativa no Brasil e nos deu uma primeira interpretação de Aronoff no contexto de língua portuguesa.

criação de uma palavra se dá por meio de uma RFP, pois há sempre uma regra que rege a composição, até porque, como o objetivo de todo falante é comunicar seus pensamentos, sentimentos e se fazer entender, essa nova palavra tem que possuir algo de transparente, familiar, algo de interpretável para que seja entendida. Assim, diz Basílio (1980, p. 113): “o léxico apresenta uma estrutura subjacente definida, sendo organizado de acordo com padrões de diferentes tipos”.

## 2.1 Criação lexical: bloqueio e desbloqueio

A partir do momento que caracterizamos uma regra, (a exemplo de [x]verbo = >[[x]verbo -dor] substantivo), verificamos que ela apresenta também restrições; ou seja, não possui uma aplicação geral para todos os casos. Se as regras morfológicas do português permitem os derivados jogar/jogador, observar/observador, treinar/treinador, por que não podem permitir o derivado participador, a partir da base já existente na língua participar, com o sufixo -dor? Ora, simplesmente, não se aplica porque já existe participante e competidor, que preenchem as necessidades semânticas por meio de outra regra concorrente (radical + -ante). Em outras palavras, embora apresente todas as condições de produtividade na língua, a palavra participador, simplesmente, não possui um uso corrente porque já existe outra palavra para designar aquele que participa de algo ou de alguma coisa.

A esses tipos de restrições, os estudiosos da Morfologia Gerativa vão chamar de bloqueio. Assim, diz Sandmann (1992, p. 76): “o bloqueio, figura da morfologia lexical que diz que uma regra de formação de palavras é frustrada ou bloqueada quando um lugar já está ocupado”. Em outras palavras, o bloqueio é um fenômeno morfológico que impede a formação de numerosos itens lexicais pelo fato de se excluírem semanticamente (restrição/bloqueio paradigmático) ou pelo fato mesmo de não haver adesão prática (restrição/bloqueio pragmático) (Travaglia, 1979; Rocha, 1998).

Ainda dentro da proposta da Morfologia Gerativa, também ocorre na língua o fenômeno contrário, chamado de desbloqueio. O desbloqueio acontece quando, mesmo existindo uma forma institucionalizada, é criada outra com fins estilísticos. Assim, diz Sandman (1991, p. 80): “o desrespeito a determinados bloqueios de regras de formação de

palavras pode assumir caráter estilístico, isto é, contribuir para que a mensagem que se queira transmitir o seja com mais eficiência”.

Mesmo no domínio escrito e formal, referindo-se à publicidade e ao jornalismo, as construções não familiares também demonstram certa previsibilidade. Vejamos alguns exemplos de derivação sufixal retirados de revistas e jornais presentes no livro *Neologismo* (1990, p. 29-33), de Ieda Maria Alves: “brizolista”, “favelização”, “frevança” (“dançar o frevo” = frevar + -ança), “recreador”, “cirandeira” (“responsável por realizar uma ciranda”), “judaicidade” (“estado ou modo de ser judaico”), os exemplos somam-se aos montes nesse pequeno livro, porém a autora apenas faz uma lista dos casos. A diferença para as outras formações esporádicas é que estas, presentes em revistas e jornais, podem, com mais facilidade, ser institucionalizadas, já que trazem certo prestígio do meio em que estão vinculados.

Já nas obras literárias a questão é um pouco mais complexa, pois o autor, mesmo de posse da estrutura gramatical, opta por usar formas mais expressivas que as habituais, pois não tem o objetivo de apenas comunicar uma mensagem, mas chamar atenção para a própria linguagem. Em tais casos pode haver formações esporádicas irregulares, já que não estamos mais lidando com um falante ideal. Agora que fizemos as colocações teóricas gerais, e voltaremos a elas quando necessário, passaremos aos casos referentes à obra de Ariano Suassuna. Buscamos entender quais foram as percepções morfológicas do autor em seu romance, se há casos de transgressão e de que forma o autor consegue inovar, partindo dos padrões e regras morfológicas da língua portuguesa.

### **3 A criação lexical em Suassuna: bloqueio e desbloqueio**

Embora todos nós, falantes do português, tenhamos os mesmos conhecimentos linguísticos, as mesmas competências linguísticas que um Manuel Bandeira, um Guimarães Rosa ou um Ariano Suassuna, em termos de performance na língua somos muito diferentes deles; ou seja, a diferença está na maior ou menor habilidade com o manejo da língua. Alguns escritores profissionais possuem uma consciência e habilidade sobre a formação de palavras em sua língua; logo, é de se esperar que eles criem um estilo muito próprio. Assim diz Martins (2008, p. 145): “a partir do século XIX, ficcionistas e poetas, de Portugal e do Brasil, passam a explorar mais intensamente o léxico virtual, reunindo radicais e afixos em novas formas”.

Ressalta-se que a criação de palavras não é um dom particular dos escritores e poetas, pois a língua é um sistema inato ao ser humano capaz de criar infinidades de palavras a partir de um conjunto finito de peças; porém, o diferencial entre os falantes e os escritores é o modo e a quantidade de aproveitamento que cada um faz desses mecanismos morfológicos. Segundo Coseriu (1979, p. 75), os grandes escritores “utilizam e realizam no grau mais alto as possibilidades do sistema: não é um paradoxo, nem uma frase feita, dizer que um grande poeta ‘utilizou todas as possibilidades que a língua lhe oferece’”. Logo, faz-se necessário, para compreender a dimensão artística de obra literária de um autor inventivo, como os autores supracitados, um estudo linguístico, pois a matéria-prima da literatura é a palavra escrita. Com efeito, os estudos morfológicos vão nos levar a um maior entendimento de como essas criações vocabulares são feitas e articuladas na performance de um falante ou de um escritor. Portanto, a análise linguística e, no nosso caso, a morfológica contribui para compreendermos como se dá a construção de sentido num texto literário.

Agora analisaremos as criações lexicais de Ariano Suassuna, em seu *Romance d'A Pedra do Reino* (2014)<sup>3</sup>, que emprega em sua obra armorial<sup>4</sup> palavras não dicionarizadas na língua portuguesa. Grande parte das criações lexicais do autor surgem a partir de experimentação morfológica, sendo muito recorrentes em sua obra os processos de sufixação. Martins (2008, p. 145) observa que, dentre os processos de formação de palavras da língua portuguesa, a derivação sufixal “é o de maior vitalidade, quer pelo grande número de sufixos da língua (mais de uma centena), quer pela variedade de conotações que muitos deles permitem sugerir”. Suassuna é um desse autores que rompem com o repertório linguístico habitual, e seus leitores sabem que sempre vão se confrontar com composições morfológicas inusitadas capazes de despertar emoção, curiosidade e surpresa.

A criatividade linguística de Suassuna produz palavras inventadas a partir de mecanismos distintos: uso de sufixos, prefixos, combinações e todos os mecanismos gramaticais que revelem o uso inovador, sensível e expressivo da linguagem. Neste estudo, porém, limitamo-nos às criações inovadoras de sufixo. Lançando mão do arcabouço da

<sup>3</sup> Também comentamos duas criações presentes no romance *História d'O Rei Degolado* (1977), de Suassuna.

<sup>4</sup> Ariano Suassuna fez parte de um movimento que renovou não só os temas da literatura nordestina, mas também a linguagem: o Movimento Armorial (SANTOS, 2000). Em linhas gerais, o Movimento Armorial, fundado pelo autor em 1970, tinha o objetivo de criar uma arte popular brasileira com raízes eruditas, partindo da mistura de elementos da cultura popular (cordel, por exemplo), da cultura africana, europeia e indígena.

Morfologia Gerativa, buscamos, portanto, compreender as descobertas feitas pelo autor paraibano a respeito das estruturas neológicas do português. Veremos quais percepções dos mecanismos morfológicos da língua o autor teve e como aplicou esse conhecimento em sua criação de palavras. Notamos primeiramente o uso frequente do sufixo -oso (cf. Quadro 1).

Quadro 1 – Vocábulos retirados do *Romance d'A Pedra do Reino* (2014).

Exemplos	Trecho da obra <i>Romance d'A Pedra do Reino</i> (2014)
a) azuloso bloqueado por azulado	“O que aparecia de azul, ali, eram bolas azulosas e fosforecentes, que davam estouros e zoavam com a zoada do Mar” (p. 209).
b) ferrujoso bloqueado por ferrugento	“Eu sentia na boca um gosto estranho de metal salgado, que devia ser o gosto ferrujoso do sangue e do sal das lágrimas a escorrer dos olhos para a boca” (p. 579).
c) fumegosa bloqueado por fumegante	“...o nobre animal, em cujo pescoço, chorando, encostei a testa escaldante, ainda fumegosa do fogo que me cegara...” (p. 580).

Fonte: elaborado pelos autores.

No Quadro 1, temos o primeiro exemplo de desbloqueio estilístico, no desvio do adjetivo azulado por azuloso. O adjetivo azulado existe na língua portuguesa, fazendo referência a algo que tem o tom de azul. É composto pelo substantivo azul + -ado, sufixo que traz o sentido de provido ou cheio de... ou que tem caráter de...: barbado, amarelado etc. Porém, para buscar o sentido de um azul mais intenso, para transmitir uma impressão de azul ainda mais forte, Suassuna rompe com esse bloqueio, criando a palavra azulosa, que não existe como um vocábulo real<sup>5</sup> na língua, porque a casa lexical que esse item pode ocupar já está preenchida por azulada. O sufixo -oso possui um sentido muito próximo de -ado, significa provido de... ou que apresenta/possui algo em abundância, e forma também adjetivos com base de substantivos. São, portanto, sufixos concorrentes, como argumenta Rocha (1998, p. 112), pois, “embora distintos sob o ponto de vista fonético, apresentam o mesmo sentido e/ou função”.

Há no argumento de Rocha uma questão importante e explorada pelo discurso poético. A língua é um sistema único e interdependente, isto é, quando há alterações

<sup>5</sup> Uma palavra real, segundo Rocha (1998), é uma palavra institucionalizada, familiar a uma comunidade linguística, dicionarizada. As palavras novas vão surgindo a partir da necessidade que o ser humano tem em nomear as coisas do mundo e as novas realidades, sentimentos, ações etc. Quando as criações lexicais se tornam parte do léxico da maior parte dos falantes, passam a integrar o vocabulário corrente e deixam de causar a sensação de estranhamento e novidade, dizemos que essas palavras se tornaram estáveis e podem fazer mais facilmente parte de dicionários.

morfológicas, há também alterações fonológicas, sintáticas e semânticas, mesmo que, em alguns casos, quase imperceptíveis. Suassuna vai tirar proveito dessa relação para chamar atenção para a língua por meio de uma nova sonoridade na palavra. Essa troca sutil é um dos vários procedimentos sensíveis de transformação da linguagem comum (cotidiana) para a linguagem literária, e é uma das características do discurso poético e literário, que coloca em primeiro plano a linguagem: “toda enunciação que põe em destaque a forma da mensagem é poética” (Barthes, 2004, p. 205).

Desde os formalistas russos, o que se considera como literário e poético se distingue da língua cotidiana por um trabalho sobre a forma da mensagem, sobre o significante; ou seja, não é apenas o significado da palavra que importa, mas o significante, seu ritmo, sua sonoridade. É o que os formalistas russos (Todorov, 2013) vão chamar de “literariedade” ou “poeticidade” do texto. O uso desses recursos sonoros para além da simples comunicação pode caracterizar a poeticidade e, vale dizer, não precisa ser, necessariamente, por meio de aliterações, rimas ou onomatopeias. A literatura organiza os sons e formas de tal maneira que ficamos atentos para a sonoridade e para as organizações linguísticas que, geralmente, ignoramos no dia a dia. Com efeito, os sons podem suscitar no leitor imagens, cores, sensações. Se numa frase há muitos encontros consonantais do tipo tr, vr, cr, parece-nos que tal frase vai travando nossa boca, pois a tendência da língua portuguesa é quase que uma consoante para uma vogal. Isso nos traz a sensação de uma prosa mais pedregosa.

Veremos em outros exemplos como o autor se vale dessa concorrência de sufixos e regras para chamar atenção para o impacto de uma cena, de um sentimento, de uma percepção, de um afeto, renovando a força expressiva da palavra. Notamos que a troca de sufixos a ser usado para a criação lexical de azuloso segue um modelo bastante produtivo em língua portuguesa, como vemos nos exemplos: venenoso, gorduroso, charmoso. Suassuna teve nesse caso a percepção de que o sufixo -oso aparece no mesmo contexto sintático do sufixo -ado, como vemos em: (1) barbado, honrado.

Ao perceber isso, Suassuna teve a possibilidade de inovar. Podemos repetir a operação, recriando as palavras de (1) em (2) com a troca de sufixo, de modo que as formas criadas sejam possíveis em português: (2) barboso, honroso. O mesmo se dá com a troca de sufixo no exemplo (b) ferrujoso (ferrugem + -oso, cheio de ferrugem), outra palavra não

dicionarizada, o que caracteriza sua inovação. O adjetivo que expressa aquilo que está cheio de ferrugem é a palavra ferrugento, ferrugem + -ento, sufixo que carrega também a noção de provimento, cheio. Vê-se, então, que Suassuna aproveita dessas possibilidades da língua e executa as devidas intervenções no item lexical consagrado pela comunidade linguística, transformando-o de item institucionalizado em item não institucionalizado.

Quaderna, protagonista da história, relata o acidente que o deixou cego, usando ferrujoso para se referir ao gosto do “sangue e do sal das lágrimas” (Suassuna, 2014, p. 579) em sua boca. Como podemos ver, a alternância de sufixo não é aleatória, pois, para criar formas gramaticais (e por isso mesmo interpretáveis, compreensíveis), o escritor precisou notar as estruturas morfológicas em que os sufixos em questão ocorrem para saber se há possibilidade de intercambiá-los. Vê-se, portanto, que Suassuna foge dos bloqueios paradigmáticos e chama atenção para a semântica da palavra, renovando a percepção do leitor pelo ineditismo da composição.

Emprega Suassuna também com alguma frequência o sufixo -(t)ício, que experimenta na pena do autor uma grande versatilidade. Nos exemplos citados no quadro 2 vemos formas de desbloqueio bem inusitadas e, por certo, de difícil popularidade.

Quadro 2 – Vocábulos retirados do *Romance d'A Pedra do Reino* (2014)

Exemplos	Trecho da obra <i>Romance d'A Pedra do Reino</i> (2014)
d) incomodatício bloqueado por incomodativo	“...esse negócio de fuder no começo é um pouco incomodatício, mas depois até entrete” (p. 542).
e) adivinhatício bloqueado por adivinhatório	“Eu li o Lunário perpétuo e o Chernoviz, assim como o Tarô Adivinhatício. De modo que conheço certas coisas bastante misteriosas...” (p. 697).
f) assombratício bloqueado por assombradiço	“...trazia à cabeça um capacete de cortina, branco, e tudo isso lhe dava um aspecto assustador, até assombratício para quem não o conhece...” (p. 172).
g) estradício bloqueado por estradeiro	“Depois de pronto e devidamente versado, o meu será, portanto, no mundo, o único romance-acastelado, cangaceiro-estradício...” (p. 421).

Fonte: elaborado pelos autores.

A mesma flexibilidade mostrada por Suassuna no uso do sufixo -oso também pode ser vista no sufixo -(t)ício. Em (d), Incomodatício também foi operacionalizado por meio de uma troca de sufixos. Embora de uso pouco comum, existe o adjetivo incomodativo (que incomoda, que causa desconforto), e mais uma vez há o rompimento do bloqueio paradigmático com a substituição do sufixo -(t)ivo por -(t)ício. Assim, Suassuna demonstra o reconhecimento de padrões sufixais internalizados, pois os dois sufixos carregam o sentido de

referência, ação; ou melhor, coloca elementos da morfologia que estão presentes nos Princípios linguísticos para fazer parte dos Parâmetros do português no contexto do discurso do português do Brasil (Kenedy, 2013).

Já no exemplo (e), a troca de sufixos ganha ares bem criativos, pois o desbloqueio provocado parece também carregar a estranheza dos baralhos de Tarô. Em (e), Adivinhatício, bloqueado por adivinhatório, temos a troca acontecendo com o sufixo -(t)ório, que se associa principalmente a verbos de ação “com a finalidade de qualificarem substantivos através da noção veiculada pelo verbo base” (Basílio, 2004, p. 55) (dormir – dormitório; lavar – lavatório; operar – operatório), substituído pelo sufixo -(t)ício numa combinação instigante que chama a atenção do leitor. Vale ressaltar que toda estranheza condiz com esse romance tão polifônico de Suassuna, em que se mesclam várias tradições e culturas, gêneros e subgêneros literários<sup>6</sup>. Tudo isso sob o pano de fundo da cultura nordestina.

Sem dúvida, os desbloqueios com -(t)ício são os mais imprevisíveis e experimentais, pois realizam troca com -(t)ório, -(t)ivo, e nos exemplos (f) e (g) a troca acontece com os sufixos -iço e -eiro. Em (f), assombratício tem um grau maior de aceitação pelo autor, pois aparece duas vezes no romance e reflete o interesse de Suassuna por temas inusitados, tanto é que as palavras assombração e assombrado surgem no romance em várias situações.

No exemplo (g), estradeiro é aquele que em geral está fora de casa, andando pelas estradas, o que é perfeitamente compatível com a vida de um cangaceiro. Talvez para evitar a repetição sonora de cangaceiro-estradeiro, Suassuna cria cangaceiro-estradício (estrada + -(t)ício), rompendo com o bloqueio paradigmático e dando uma sonoridade inusitada à composição. Como argumenta Basílio (2004), um dos principais formadores de nomes agentivos em português a partir de substantivos corresponde à adição do sufixo -eiro. Assim,

<sup>6</sup> A própria recepção desse importante romance, alvo de nossa pesquisa, demonstra muito as características da estética armorial. Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, ainda nos anos 1970, irá chamá-lo de “romance-memorial-poema-folhetim”. Justamente por ser uma obra que toma de empréstimo os romances de cavalaria, aliados às cantigas nordestinas, às narrações folclóricas, além de uma estética “ancorada no improviso”, como diz Santos (2000), no provisório, uma estética em movimento que não imobiliza a obra. Seguindo a mesma linha de pensamento, Raquel de Queiroz vai demonstrar no prefácio do romance a surpresa que teve ao lê-lo: “[...] romance, ou tratado, ou obra, ou simplesmente livro – sei lá como é que diga! Porque depois de pronto A pedra do reino transcende disso tudo, e é romance, é odisseia, é poema, é epopeia, é sátira, é apocalipse...” (Queiroz, 2014, p. 15). No posfácio, a obra também é saudada por Maximiano Campos como à altura de um Guimarães Rosa, e destaca sua difícil classificação: “Trata-se de um livro desigual, disforme mesmo [...] Não é um desses romances bem comportados e lineares [...] Em certas passagens, temos a impressão de estar lendo, na sua prosa, uma poesia sem métrica, uma maneira paradoxalmente barroca” (Campos, 2014, p. 747-8).

para romper com o peso das conveniências linguísticas e para ganhar maior expressividade, Suassuna amplia o uso do sufixo -(t)ício, concorrendo-o também com o sufixo -eiro.

Ao romper com a fluidez dos padrões fonológicos previstos, Suassuna propõe contrastes sonoros que parecem sugerir ao leitor uma desautomatização quanto à língua, utilizando-se da troca de sufixos também como um tipo de fonoestilística textual. Esse tipo de recurso literário foi argumentado pela primeira vez pelo crítico checo Jan Mukarovsky, em seu ensaio “Fonologia e poética”: “Para a análise estrutural de um texto poético, é importante, pois, que se elabore um quadro estatístico da frequência dos seus fonemas e séries de fonemas em confronto com sua incidência normal” (Mukarovsky, 1978, p. 206). O crítico vai apontar o repertório de fonemas do escritor como elemento capital para o texto literário.

Se na comunicação cotidiana a disposição de fonemas é puramente aleatória, sem importância, no discurso literário pode não o ser, pois, no caso de Suassuna, em muitos exemplos, não se trata apenas de uma invenção esporádica, limitada a uma obra. Suassuna tem consciência do seu poder enfático e repete muitas das vezes o neologismo em outras obras. Estradício, por exemplo, aparece no *Romance de Dom Pantero* com outra combinação: “Mas é também um Diálogo estradício...” (2017, p. 55). Referindo-se, agora, a um diálogo pela estrada. Ferrujoso também aparece na História d’O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: “um lugar inteiramente apartado dos outros, diferente, cheio de lajedos ferrujoso” (1977, p. 106). Vamos a outros exemplos no Quadro 3.

Quadro 3 – Vocábulos retirados do *Romance d’A Pedra do Reino* (2014) e *Romance de Dom Pantero* (1977).

Exemplos	Trecho da obra <i>Romance d’A Pedra do Reino</i> (2014)
h) perguntagens bloqueado por questionamentos	“... onde poderia ter uma refeição melhor, preparada por Maria Safira, mas onde ficaria muito exposto ao convívio e às perguntagens dos outros” (p. 738).
i) astrologista bloqueado por astrólogo	“Vida, paixão e morte de um Fidalgo raizeiro e astrologista do sertão...” (p. 2).

Fonte: elaborado pelos autores.

Temos aqui um caso de bloqueio heterônimo (Rocha, 1998), pelo qual uma palavra não se forma pela existência de outra, completamente diferente em sua estrutura; são heterônimos, mas semelhantes no sentido. No exemplo acima, perguntagens (perguntar + -agem, sufixo com sentido coletivo) se refere à quantidade de perguntas que eram feitas para

Quaderna; porém, em língua portuguesa, a quantidade de perguntas é denominada de questionamentos, como está definido no dicionário: “Interrogatório; ação de fazer perguntas, de ser alvo de questões” (Houaiss, 2009). Podemos ver que o bloqueio heterônimo não é tão previsível quanto o paradigmático, pois, embora tenha o mesmo sentido, não apresenta raízes análogas (como nos exemplos de azulado/azuloso). Apresentamos mais exemplos que mostram como a literatura se permite um grau maior de liberdade em relação à forma da mensagem, tudo isso para permitir que surjam novas percepções da palavra, pois o segredo para desautomatizar a percepção do leitor está no estranhamento em relação à norma morfológica institucionalizada.

No exemplo i) astrologista, temos uma criação bastante sugestiva, que demonstra mais uma vez a capacidade de o autor observar e analisar padrões do português. As formações em -ista correspondem à ocupação e ofício (flautista, artista, taxista), nomes patrios (nortista, paulista) e/ou partidários-políticos, movimentos, seitas etc. (realista, fascista). Nesse tipo de formação substantiva, a base pode ser tanto adjetiva quanto substantiva. Esse sufixo exerce, pois, uma função aproximada do sufixo -ólogo, que, segundo Rondinini (2009, p. 10), apresenta o sentido de “agente especialista [...] tipicamente a noção de um profissional estudos (ou apenas estudos) no assunto especificado pela base” (como astrólogo, biólogo, geólogo).

Assim, para evitar o uso mais comum e desgastado de uma forma canônica, Suassuna rompe com o bloqueio paradigmático criando um neologismo com outro sufixo. O escritor, desse modo, conseguiu dinamizar essas regras, explorando-as em sua diversidade e riqueza. Vale também destacar nas escolhas de Suassuna que não se trata apenas de aleatoriedade, pois o *Romance d'A Pedra do Reino* está repleto de simbolismos e referências a tradições herméticas, basta notarmos o número de xilogravuras e desenhos que remetem à heráldica e figuras enigmáticas; logo, Suassuna vai dar mais atenção às palavras que têm estreita relação com o conteúdo, como os exemplos de “inférnica”, “geníaco” e “astrologista”.

Além do papel na criação de palavras pelo desbloqueio, quando há formas alternativas para a mesma base, embora não haja entre elas aparente diferença semântica, Suassuna opta pelas menos usais. O intercâmbio de sufixos rende formas como alucinatório em vez de alucinação, chamejante em lugar de flamejante, encantação em vez de encantamento,

beberagem em lugar de bebedeira, espetaculosas por espetaculares, revelatório por revelador. O autor, na sua escolha de sufixos, mostra predileção especial por -oso, que, sem dúvida é o mais utilizado: ardosa por ardida, demoroso por demorado, descuidoso por descuidado, cavaleiroso em lugar de cavaleiresco, sonhoso por sonhador, radioso no lugar de radiante, queimoso por quente.

Ao analisar essas recorrências de sufixos, podemos dizer que se trata de uma coesão interna do texto (no sentido de uma unidade lógica nas criações), e não apenas de um aspecto casual. Mesmo levando em consideração o tamanho do livro, mais de setecentas páginas, vemos que a alternância de sufixos e sons, que parecem discretas e pouco regulares, na verdade, dão à narrativa todo clima coloquial que as obras armoriais pedem: chamejante, beberagem, ardosa são palavras um pouco extravagantes, que nos dão a sensação de estarmos diante de um vocabulário mais popular e interiorano. Vamos aos últimos exemplos no Quadro 4.

Quadro 4 – Vocábulos retirados do *Romance d'A Pedra do Reino* (2014)

Exemplos	Trecho da obra <i>Romance d'A Pedra do Reino</i> (2014)
j) Penetal	“ia concebendo, há tempo, uma obra filosófica e profunda, o Tratado de Filosofia de Penetal” (p. 165).
k) homência	“... a cardina dá, de fato, à pessoa, uma inteligência danada, mas, ao mesmo tempo, apaga a homência do sujeito!” (p. 716).

Fonte: elaborado pelos autores.

Em todos os casos estudados até aqui há apenas dois exemplos de transgressão sufixal: Penetal (penetrar + -al) e homência (homem + -ência). Ora, todos os desbloqueios estilísticos estudados aqui fazem parte de formações regulares da língua, mas nesses dois casos dá-se a transgressão pelo fato de o autor, no primeiro caso, ter usado como base para a formação da nova palavra um verbo, e não um substantivo, como seria de se esperar, pois o sufixo -al se une a substantivos para formar adjetivos (Cunha; Cintra, 2013, p. 112). Sabemos que os verbos da língua portuguesa podem vir a se tornar um nome com o uso de sufixos. São exemplos de nominalização: apresentar – apresentação/ confiar – confiança/ abandonar – abandono/ abordar – abordagem/ medicar – medicamento; porém, como se observa, a nominalização acontece com sufixos específicos: -ção, -ança, -agem, -tiva, -mento, que não

incluem o sufixo -al. Logo, observa-se uma ruptura, pois a base e o sufixo contrariam a regra de formação de palavra em português.

Como foi dito, o sufixo -ência e -ancia se unem a verbos para gerar substantivos abstratos: ignorar – ignorância/ abster – abstinência/ alternar – alternância/ reger – regência etc. Mas no segundo caso, homência (homem + -ência), Suassuna não respeita a categoria de base, partindo de um substantivo (homem), e não de um verbo; logo, essa formação deve ser considerada como transgressão à regra de formação de palavra com esse sufixo, no funcionamento canônico do sistema. Mas também deve ser considerada como possibilidade de transformação, inovação e comprovação do caráter dinâmico do próprio sistema, o que lhe garante a flexibilidade e a adaptação ao jogo entre princípios e parâmetros.

#### 4 Considerações finais

À guisa de conclusão, observamos os aspectos linguísticos essenciais que acabam por iluminar e destacar as estratégias literárias do autor em seu *Romance d'A Pedra do Reino*. Vê-se que as criações neológicas do autor são diretamente controladas pela competência linguística nos termos da Morfologia Gerativa. Nos exemplos citados, todas as criações seguem regras morfológicas do sistema, pois, como argumenta Barbosa (1981, p. 79), a criação lexical “constitui, ao mesmo tempo, uso e subversão do código, reconhecimento e transgressão da norma; é, pois, criatividade governada por regras, é criatividade que muda as regras”. Portanto, o fato de ser uma palavra, mesmo sendo inusitada, possível e criada dentro do sistema do português, garante a compreensibilidade do interlocutor e leitor, que pode apreender o seu significado a partir do seu conhecimento lexical.

Após as observações e análises feitas acima, podemos elaborar as seguintes reflexões sobre as obras citadas no texto, com enfoque especial para o *Romance d'A Pedra do Reino*:

- (1) é comum na obra estudada de Ariano Suassuna dar-se a troca de sufixos, pois o autor evita as formas gastas pelo uso e procura composições mais inusitadas para causar impacto na leitura, e uma dessas estratégias é feita por meio do Desbloqueio. Embora não haja verdadeiras rimas ou aliterações no efeito auditivo produzido pelas trocas dos sufixos, as escolhas do autor fazem ressaltar contrastes na língua ou criam efeitos ligeiramente intensivos: o azuloso parece ser mais

intenso por causa do novo sufixo do que o habitual azulado; o assombratício fica mais misterioso, porque é mais inesperado ao leitor;

(2) é de notar, também, que a troca de sufixos usada pelo autor não implica em trocas inteiramente novas, isto é, fora de qualquer regra de formação de palavras. Com efeito, a novidade reside no fato de esses sufixos ocorrerem em novas combinações não comuns no léxico corrente da língua, mas que ainda permanecem ligadas às regras. Em outras palavras, se a literatura, em sentido amplo, é feita de palavras e as palavras são feitas a partir de regras gramaticais, logo, a organização morfológica (como também fonética, sintática etc.) servem à compreensão interna da literariedade de um texto, ou seja, o conteúdo de um texto literário é desvelado por meio da compreensão da forma, seja sintática ou nos casos estudados, morfológica. Como argumentamos, a questão morfológica do Desbloqueio é apenas um exemplo de como o mecanismo linguístico trabalha em função do literário; e

(3) as criações lexicais do autor apresentam também valores expressivos e fogem da comodidade. Elas têm um valor enorme porque vêm mostrar que, além de a criação de um fundo prático e necessário, elas também podem surgir como um simples valor expressivo, ou lúdico, pois a literatura chama atenção para a linguagem e mostra sua existência material. Assim, o trabalho se mostrou pertinente para se repensar as relações entre linguística e literatura (relações especificamente voltadas ao campo lexical e as implicações dessas relações nos ineditismos linguísticos), e demonstrar como os estudos morfológicos servem de apoio à compreensão da experiência estética, pois a literatura é feita de palavras.

Pretendemos, então, com esta reflexão, chamar a atenção para as relações de duas áreas muito próximas, que, no entanto, parecem, às vezes, tão distantes. Na compreensão da obra literária, é importante somar o olhar da linguística, sempre. Esta é uma discussão que não pode ser deixada de lado e, como nos alerta Roland Barthes (2004, p. 204), é essencial a “abolição da propriedade disciplinar” para desvendarmos os mecanismos e artimanhas do discurso literário.

## Referências

- ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- ARONOFF, M. **Word Formation in Generative Grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1979.
- BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1995.
- BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo**. São Paulo: Global, 1981.
- BARTHES, R. Um belíssimo presente. *In: BARTHES, R. O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 204-207.
- CAMPOS, M. A pedra do Reino. *In: SUASSUNA, A. Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014. p. 745-54
- COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- HOUAIS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1992.
- KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARTINS, N. S. **Introdução à estilística**. São Paulo: Edusp, 2008.
- MUKAROVSKY, J. A fonologia e a poética. *In: TOLEDO, D. (org.). Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 204-213.
- QUEIROZ, R. de. Um romance picaresco? *In: SUASSUNA, A. Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014. p. 15-9.
- ROCHA, L. de A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RONDININI, R. Análise das formações com -logo e -grafo segundo a Morfologia Derivacional. **ReVEL**, v. 7, n. 12, p. 1-29, 2009.

ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SANTOS, I. M. dos. O decifrador de brasilidades *In: Cadernos de literatura brasileira*: Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2000.

SANDMANN, A. J. **Competência lexical**: produtividade, restrições e bloqueio. Curitiba: UFPR, 1991.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SUASSUNA, A. **História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão**: romance armorial e novela romançal brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SUASSUNA, A. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

SUASSUNA, A. **Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores**: o jumento sedutor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TODOROV, T. **Teoria da literatura**: textos dos formalistas russos. São Paulo: Unesp, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. Sobre a produtividade da regra de formação de palavras [X]Adj -> [ [X]Adj. + SUFIXO]Subst. no Português. *In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA*, 3., 1979, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUC, 1978. p. 93-169. Disponível em: [https://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo\\_sobre\\_produtividade\\_regra\\_formacao.pdf](https://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo_sobre_produtividade_regra_formacao.pdf). Acesso em: 27 nov. 2024.